

PRESERVAÇÃO PATRIMONIAL, TURISMO CULTURAL E TRANSFORMAÇÃO DA BASE ECONÔMICA LOCAL: PIONEIRISMOS, PARADOXOS E RETROCESSOS EM WIGAN, INGLATERRA

HERITAGE PRESERVATION, CULTURAL TOURISM AND TRANSFORMATION OF THE LOCAL
ECONOMIC BASE: PIONEERING, PARADOXES AND STEPS BACKWARDS IN WIGAN, ENGLAND

PRESERVACIÓN PATRIMONIAL, TURISMO CULTURAL Y TRANSFORMACIÓN DE LA BASE
ECONÓMICA LOCAL: PIONEIRISMOS, PARADOJAS Y RETROCESOS EN WIGAN, INGLATERRA

André Fontan Köhler

afontan@usp.br

Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH/USP)
Graduação em Administração pela Escola de Administração de Empresas de São Paulo da
Fundação Getúlio Vargas (FGV-EAESP), em 1999
Especialização em Administração de Empresas pela FGV-EAESP, em 2002
Mestrado em Administração Pública e Governo pela FGV-EAESP, em 2006
Doutorado em Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da
Universidade de São Paulo (FAU/USP), em 2011

Data de Submissão: 15/08/2012

Data de Aprovação: 07/05/2013

RESUMO

O objeto de estudo é a transformação do Wigan Pier, conjunto arquitetônico e paisagístico localizado às margens do Canal Leeds-Liverpool, em um centro de lazer, turismo e entretenimento, nos anos 1980, dentro de políticas públicas voltadas à transformação da base econômica local. O artigo apresenta dois objetivos principais, a saber: a) compreender e avaliar essa transformação do Wigan Pier nos quesitos de preservação patrimonial, educação patrimonial e ressemantização de bens culturais, entre outros; e b) avaliar as consequências da inserção do patrimônio cultural na lógica comercial do sistema capitalista. A metodologia de pesquisa compreendeu a revisão de literatura, levantamento de documentos em fontes primárias, entrevistas e levantamento fotográfico; além de Wigan, o trabalho de campo contemplou outras cidades inglesas, que transformaram parte de docas e cais abandonados em centros de lazer, turismo e entretenimento. Tendo sido bem-sucedido nos primeiros anos, o Wigan Pier começou a enfrentar uma queda nas visitas e crescente vacância de suas instalações, devido à falta de novos investimentos e emergência de atrações turísticas concorrentes. Considera-se válida sua experiência pioneira, contudo se avalia como improvável sua retomada como atração turística importante, recomendando-se sua reconversão para funções residenciais e de lazer à população local.

PALAVRAS-CHAVE: Patrimônio cultural. Gestão pública. Centro patrimonial.

ABSTRACT

The object of study is the transformation of Wigan Pier, an architectural and landscape complex located on the banks of the Leeds and Liverpool Canal, into a center of leisure, tourism and entertainment, focusing

on the public policies that transformed the local economic base in the 1980s. The article has two main objectives: a) to understand and evaluate the transformation of Wigan Pier, in the categories of heritage preservation, heritage education and resemantization of cultural assets, among others; and b) to assess the consequences of the inclusion of cultural heritage in the business logic of the capitalist system. The research methodology included a literature review, a survey of primary source documents, interviews, and a photographic survey. Beyond Wigan, the fieldwork included other English cities that have also transformed part of their abandoned docks and piers into centers of leisure and tourism. Wigan Pier was successful in its early years, but began experiencing a decline in the number of visitors, and increasing vacancy of its facilities due to a lack of new investment and the emergence of competing attractions. It is considered valid as a pioneering experience; however, it is unlikely that it will become a major tourist attraction again, and its conversion to residential and recreational functions for the local population is recommended.

KEYWORDS: Cultural heritage. Public management. Heritage centre.

RESUMEN

El objeto de este estudio es la transformación del Wigan Pier, conjunto arquitectónico y paisajístico ubicado en las márgenes del Canal Leeds-Liverpool, en un centro de ocio, turismo y entretenimiento de la década de 1980, en el marco de políticas públicas dirigidas a la transformación de la base económica local. El artículo presenta dos objetivos principales, a saber: a) comprender y evaluar esa transformación del Wigan Pier en las cuestiones de preservación patrimonial, educación patrimonial y resemantización de bienes culturales, entre otros; y b) evaluar las consecuencias de la inserción del patrimonio cultural en la lógica comercial del sistema capitalista. La metodología de investigación comprendió la revisión de la literatura, relevamiento de documentos en fuentes primarias, entrevistas y relevamiento fotográfico. Además de Wigan, el trabajo de campo contempló otras ciudades inglesas que transformaron parte de dársenas y muelles abandonados en centros de ocio, turismo y entretenimiento. A pesar de haber sido exitoso en los primeros años, el Wigan Pier empezó a enfrentar una disminución de las visitas y creciente vacancia de sus instalaciones debido a la falta de nuevas inversiones y surgimiento de atracciones turísticas concurrentes. Se considera válida su experiencia pionera, aunque se evalúa como improbable su retomada como atracción turística importante, recomendando su reconversión a funciones residenciales y de ocio para la población local.

Palabras clave: Patrimonio cultural. Gestión pública. Centro patrimonial.

INTRODUÇÃO

O objeto de estudo desse artigo é a transformação do Wigan Pier, conjunto arquitetônico e paisagístico localizado às margens do Canal Leeds-Liverpool, em um centro de lazer, turismo e entretenimento e suporte para firmas do setor terciário avançado (seguros, serviços financeiros e de saúde, consultoria empresarial, etc.). Essa transformação, bem como desdobramentos posteriores, fez parte de políticas públicas mais amplas, que buscaram, desde meados dos anos 1980, conciliar a preservação patrimonial e a utilização de estruturas redundantes com a criação e o fortalecimento de uma nova base econômica para Wigan, tradicional cidade industrial da Região Noroeste da Inglaterra¹.

O artigo apresenta dois objetivos principais, interligados entre si, a saber: a) compreender e avaliar essa transformação do Wigan Pier, nos quesitos de preservação patrimonial, educação patrimonial, parcerias público-privadas, ressemantização de bens culturais e criação de uma nova base econômica local dentro de desenvolvimentos mais amplos em Wigan e na Inglaterra como um todo nas últimas décadas; e b) avaliar as consequências da inserção do patrimônio cultural na lógica comercial do sistema capitalista dentro de um mercado crescentemente concorrido como o do turismo, levando-se principalmente em conta a emergência de "concorrentes" regionais mais bem preparados (Albert Dock, em Liverpool; e The Quays, em Salford) e a crise econômico-financeira de 2008.

A metodologia de pesquisa compreendeu a revisão de literatura teórica, histórica e de estudos de caso, levantamento de documentos em fontes primárias, entrevistas e levantamento fotográfico. A revisão de literatura compreendeu o levantamento de livros, artigos e reportagens sobre planejamento urbano, turismo cultural e políticas públicas de cultura e turismo, entre outros pontos, com ênfase em projetos de revitalização urbana. A pesquisa documental buscou, por seu lado, recolher e analisar documentos relacionados ao planejamento urbano e à gestão pública, principalmente programas, projetos, ações e legislação concernente ao Wigan Pier e arredores. O trabalho de campo compreendeu também entrevistas abertas e semiestruturadas; elas foram feitas com ocupantes das principais posições-chave, i.é, aquelas definidas pelas principais perspectivas de interesse material, simbólico e político, levadas a pensar o caso do Wigan Pier e outros projetos similares, em cidades como Salford, Kingston upon Hull e Sheffield.

Além de Wigan, foram visitadas outras cidades inglesas, inclusive que transformaram parte de docas e cais abandonados em centros de lazer, turismo e entretenimento; o trabalho de campo contemplou a viagem e a estada nas seguintes cidades, além de Wigan: Kingston upon Hull, York, Sheffield, Manchester, Bury, Salford, Liverpool e Chester.

Na Inglaterra, a preservação patrimonial tem sido crescentemente justificada em termos econômicos. O corte real de recursos públicos para a área patrimonial – a trajetória recente do orçamento da agência pública English Heritage é emblemática disso –, o reconhecimento do turismo como um dos setores mais dinâmicos da economia britânica, e o interesse das cidades em criar e fortalecer novas bases econômicas locais, baseadas no comércio varejista e setor terciário avançado, trouxeram mudanças significativas. Em conjunto, esses fatores tornaram comuns políticas públicas que contemplam o reaproveitamento de infraestruturas e estruturas arquitetônicas redundantes, que tentam combinar a preservação patrimonial com o desenvolvimento econômico local, geralmente por meio do turismo desde pelo menos os anos 1980.

Tanto a literatura técnico-analítica quanto a promocional centram-se em estudos de caso e exemplos de sucesso, pelo menos a partir de seus próprios objetivos; provavelmente, o caso de Barcelona é o mais estudado e citado nas últimas décadas. Mesmo autores críticos, como Harvey (2005), recorrem a experiências consideradas bem-sucedidas pela literatura promocional – por exemplo, HarborPlace, em Baltimore, Estados Unidos da América (EUA) –, tentando apontar os efeitos colaterais desse tipo de desenvolvimento. O Wigan Pier representa um caso pioneiro no Reino Unido – foi inaugurado em 1986 –, tendo conseguido transformar Wigan em um importante destino turístico regional. Contudo se encontra atualmente totalmente fechado e abandonado, com exceção de um único bar (The Orwell), como será visto adiante.

O artigo divide-se em cinco itens. O **item 1** contempla a revisão de literatura teórica, histórica e de estudos de caso sobre os temas do patrimônio cultural e turismo cultural, centrando-se no caso britânico; o subitem 1.1 mostra o fascínio pelo passado e a exploração econômica do patrimônio cultural inglês, ao passo que o subitem 1.2 mostra a importância econômica do turismo cultural para o país, bem como a especialização do Reino Unido, no mercado turístico mundial. O **item 2** descreve Wigan inclusive como parte da Região Noroeste da Inglaterra, e discute brevemente sua trajetória histórica, até o processo de desindustrialização, a partir dos anos 1960, com seus consequentes problemas econômicos, sociais e urbanos.

O **item 3** aborda o Wigan Pier, objeto de estudo do artigo, mais especificamente sua transformação em um centro de lazer, turismo e entretenimento, nos anos 1980, contextualizando-a dentro de transformações mais amplas ocorridas em Wigan. É mostrado também como, posterior ao sucesso, seguiu-se a decadência do Wigan Pier, fruto, inclusive, do surgimento de “concorrentes” mais bem preparados, a exemplo de Albert Dock, Liverpool. O **item 4** descreve, analisa e avalia o último projeto de recuperação do Wigan Pier, nos anos 2000, que não conseguiu alcançar os resultados previstos. Por fim, o **item 5** traz as considerações finais do artigo.

PATRIMÔNIO CULTURAL, TURISMO E DESENVOLVIMENTO: IMPORTÂNCIA ECONÔMICA E EMERGÊNCIA DO TURISMO CULTURAL NA AGENDA PÚBLICA BRITÂNICA

A preservação do patrimônio cultural e o desenvolvimento do turismo interligaram-se nas políticas públicas britânicas, nas últimas décadas, em virtude dos seguintes fatores: a) a necessidade do patrimônio arquitetônico autossustentar-se, no sentido de monumentos e prédios históricos suportarem firmas e funções que gerem recursos para sua recuperação e conservação; e b) a importância crescente do turismo para a economia britânica, principalmente em termos de balanço de pagamentos e geração de emprego e renda, dentro do qual o patrimônio cultural ocupa lugar de destaque.

CULTURA E PATRIMÔNIO NO REINO UNIDO: USOS CONTEMPORÂNEOS E FASCÍNIO PELO PASSADO

O termo "cultura" é aberto a uma miríade de definições, que dependem do interesse, campo de conhecimento e objetivos de quem o define. Botelho (2001) explora duas dimensões para trabalhar esse conceito. Na dimensão antropológica, considera-se que todo e qualquer indivíduo é tanto produtor quanto consumidor de cultura, cultura essa presente nas relações sociais que a pessoa estabelece com a realidade à sua volta, ou seja, em seu cotidiano. Nesse sentido, a cultura refere-se ao trabalho, utilização do tempo livre, relações familiares, de amizade e vizinhança, hábitos, costumes e crenças – em suma, tudo o que o indivíduo produz e consome material e simbolicamente em seu dia-a-dia.

Na dimensão sociológica, a cultura assume o sentido da produção artística em sentido estrito; ou seja, trata-se de uma produção cultural que busca construir um determinado conjunto de sentidos por meio de técnicas artísticas particulares, sendo direcionada também a um público-alvo. Sendo assim, a dimensão sociológica implica a criação e a circulação de cultura em um "circuito organizacional que estimula, por diversos meios, a produção, a circulação e o consumo de bens simbólicos, ou seja, aquilo que o senso comum entende por cultura" (BOTELHO, 2001, p. 74). Têm-se aqui a prática profissional e as atividades amadoras.

A expressão "patrimônio cultural" baseia-se nas noções de acumulação de estruturas, objetos, ofícios, saberes e fazeres e de passado comum, que suportam a construção de uma memória e identidade nacional (CHOAY, 2006).

A formação de um patrimônio histórico e artístico nacional (PHAN) cumpre três funções simbólicas básicas. Primeiro, esse patrimônio reforça a noção de cidadania ao retirar parte dos direitos de propriedade de áreas, estruturas e objetos de indivíduos e firmas privadas em favor do interesse público. Sendo assim, o Estado passa a ser corresponsável pelo conjunto de bens salvaguardados para o desfrute e a instrução dos cidadãos. Segundo, o PHAN "materializa" a entidade ideal que é a nação, demarcando-a no tempo e no espaço – segundo Guizot, criador do cargo de inspetor dos monumentos históricos franceses, em 1830, o solo francês era representado por seus monumentos (CHOAY, 2006). Terceiro, os bens patrimoniais documentam e "comprovam" a versão oficial da história nacional, trata-se de provas materiais que confirmam os seus mitos de origem e o direito de ocupação do território (FONSECA, 2005).

Cabe, antes de passar ao caso da Inglaterra, sublinhar a diferença entre bem cultural e bem patrimonial. Segundo Ortiz (2006), não existe uma identidade nacional autêntica e verdadeira, ela é sempre um discurso de segunda ordem, cujo objeto de seleção e interpretação é a cultura popular, múltipla e particularizada. Ou seja, a construção de uma identidade nacional única requer a reunião, a seleção e a interpretação de memórias e culturas populares diversas e particularizadas espalhadas por vários grupos sociais. A identidade nacional não é apenas um conjunto dessas culturas populares, mas uma construção que as une e as transcendem como ideologia de Estado.

Na Inglaterra, assim como em outros países, a mobilização da sociedade e do Estado para a formação e para a preservação de um PHAN decorreu, primeiramente, da perda e da ameaça iminente à integridade de monumentos considerados de valor histórico e/ou artístico para a nação. No Século XVI, o vandalismo resultante da Reforma Inglesa (Reforma Anglicana), com a pilhagem e

a destruição de conventos, mosteiros e outras propriedades da Igreja Católica, levou as sociedades de antiquários a assumir a função de catalogação e preservação dos principais monumentos ingleses. Para os antiquários, a destruição desses monumentos era uma dupla ignomínia, pois obliterava bens que poderiam ser utilizados para outros fins e “apagava” as obras legadas da Antiguidade e da Idade Média que pertenciam a toda a nação (CHOAY, 2006; FONSECA, 2005).

Ao contrário do modelo francês, o Estado sempre teve um papel secundário na preservação do patrimônio cultural inglês. Até o início do Século XX, as sociedades de antiquários eram as principais responsáveis pela defesa e pela preservação do PHAN. Apenas em 1882, foi instituído o Ancient Monuments Protection Act, que reconheceu a responsabilidade de o Estado salvaguardar esse patrimônio. Contudo a primazia na preservação patrimonial continuou a ser de associações da sociedade civil e grupos de voluntários (CHOAY, 2006; FONSECA, 2005; HEWISON, 1987).

Cabe destacar que os bens patrimoniais ingleses não foram retirados do cotidiano das pessoas, a exemplo do que ocorreu na França, onde a listagem e a salvaguarda de estruturas e objetos pelo Estado concederam-lhes um tratamento museológico. Mesmo tendo passado por intenso processo de industrialização, a partir do Século XVIII, os ingleses sempre consideraram os bens patrimoniais como parte de seu cotidiano. A utilização desses bens no presente, o que implica, na maior parte das vezes, a preocupação com sua reconversão e a adaptação a novos usos, faz com que eles não sejam vistos apenas como repositórios da história e da arte nacional (CHOAY, 2006).

Como resultado do crescimento e do adensamento das cidades, com a conseqüente valorização do solo urbano, da especulação imobiliária e da redundância de antigas estruturas, além da ocorrência de guerras e conflitos mundiais, regionais e locais, a segunda metade do Século XIX e todo o Século XX assistiram à destruição em massa da arquitetura e do urbanismo dos séculos passados. Nos anos 1990, muitos planejadores urbanos europeus já avaliavam que os danos provocados ao patrimônio cultural material do continente, durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), tinham sido menores que os causados pelas remodelações urbanas das últimas décadas; Tung (2001) define o Século XX como o “Século da Destruição.”

Segundo dados do Departamento de Ambiente (Department of Environment), oito mil edificações listadas como PHAN foram destruídas entre 1957 e 1977, inclusive o que representou uma taxa média de pouco mais de uma por dia no Reino Unido (HEWISON, 1987). Após analisar as perdas patrimoniais de trinta cidades britânicas, Amery e Cruickshank² (1975 apud HEWISON, 1987, p. 37) concluem: “A destruição verificada durante o Século XIX é insignificante quando comparada ao vandalismo permitido entre 1950 e 1975, inclusive.”

Isso faz com que haja, atualmente, a noção de que o patrimônio cultural britânico esteja em constante risco de desaparecimento, noção essa reforçada pelas agências públicas e associações envolvidas com a causa preservacionista.

O Século XX assistiu também à ampliação do conceito de patrimônio e do conjunto de bens culturais passíveis de tombamento. O PHAN começa a contemplar o patrimônio de grupos sociais “esquecidos” pela história oficial, a exemplo de minorias étnicas e camponeses, assim como tipos de bens antes desconsiderados, como o patrimônio arqueológico industrial (FONSECA, 2005).

Na Inglaterra, o crescente interesse pelo passado e pelo patrimônio cultural, nas últimas décadas, fez com que épocas e objetos antes desprezados passassem a ser valorizados, sendo passíveis de proteção, deferência e exploração econômica. Hewison (1987) cita o caso da valorização de espaços, estruturas e objetos ligados ao desenvolvimento industrial nos séculos XVIII, XIX e início do XX, que, de ameaças ao PHAN, transformaram-se em parte importante dele.

Hewison (1987) aponta também o crescimento extraordinário do número de museus no Reino Unido, nos anos 1980, principalmente dos privados; os períodos e os objetos expostos são cada vez mais inusitados. Junto com isso, são abertos também centros patrimoniais e parques temáticos com temas e atavios culturais, que utilizam o patrimônio como base para atividades de lazer, turismo e entretenimento. Como coloca Neil Cossons, então diretor do Science Museum: “[...] Você não pode projetar esse nível de crescimento [de novos museus] por muito tempo, antes que todo o país transforme-se em um grande museu a céu aberto, que você entre assim que desembarcar no [Aeroporto Internacional de] Heathrow” (HEWISON, 1987, p. 24).

Em 1983, foi criado o English Heritage, agência pública responsável pela listagem e pela salvaguarda do patrimônio cultural inglês, além da análise de todo e qualquer pedido de reforma,

alteração ou demolição de prédios e monumentos listados. O English Heritage também administra diretamente cerca de quatrocentos prédios e monumentos, abrindo-os à visitação, e repassa recursos financeiros para projetos de firmas, indivíduos e associações ligados ao patrimônio cultural inglês (ENGLISH HERITAGE, 2011). Desde os anos 1980, a política patrimonial inglesa sempre priorizou o aproveitamento econômico dos prédios e dos monumentos tombados, principalmente por meio do lazer e do turismo. Em 1987, um relatório do Comitê de Ambiente da Câmara Baixa Britânica (House of Commons Environment Committee) já recomendava que o English Heritage priorizasse o turismo em suas propriedades, como uma forma de contornar a falta de recursos públicos para a área (HEWISON, 1987).

O trabalho de campo contemplou a visita a uma das propriedades do English Heritage: Cliffords Tower, em York. A visita a Cliffords Tower ilustra a íntima relação entre cultura, patrimônio e turismo na Inglaterra, bem como a intensa comercialização promovida pelo English Heritage de seus monumentos. Por fora, a torre é bem sinalizada, e uma das placas mostra a localização de outras atrações da agência abertas à visitação. A entrada na torre é paga e custa £3.50 – aproximadamente R\$ 11,00. Internamente, o monumento também é bem sinalizado, com placas informativas, uma maquete e a reconstituição de um ambiente da antiga torre; há uma loja com artigos que vão desde livros técnico-acadêmicos até fantasias “medievais,” chocolates “patrimoniais” e *souvenirs* fabricados em série.

No trabalho de campo, foi possível visitar dezenas de estruturas arquitetônicas redundantes, que foram restauradas e adaptadas a novos usos. Armazéns verticais, cais e docas abandonadas, prédios fabris; novos usos impediram a destruição de um vasto acervo arquitetônico. Claro, a ligação do patrimônio cultural à lógica do mercado coloca sérios problemas aos bens patrimoniais pouco atrativos economicamente. Mesmo assim, o trabalho de organizações não governamentais, a exemplo do National Trust for Places of Historic Interest or Natural Beauty e de The Churches Conservation Trust, permite que centenas de bens sejam protegidos.

Por exemplo, apenas na cidade intramuros de York cinco prédios de igrejas redundantes foram visitados; verificaram-se os seguintes usos: a) centro de convivência para idosos(as); b) bar e casa noturna; c) centro comunitário; d) comércio varejista; e e) atração turístico-cultural, administrada pelo The Churches Conservation Trust. Nesse último caso, a Church of Holy Trinity, do Século XII, tem o mais alto nível de proteção da Inglaterra (*Grade 1 listed*) (THE CHURCHES CONSERVATION TRUST, 2010), mas isso não a impediu de ser declarada redundante, tendo sido assumida depois pela supracitada organização.

O SEGMENTO DE TURISMO CULTURAL: IMPORTÂNCIA ECONÔMICA E ESPECIALIZAÇÃO DO REINO UNIDO NO PASSADO, TRADICIONAL E ANTIQUADO

A partir do final dos anos 1980, com a emergência do tema “turismo cultural” na literatura analítica, conceitos diversos vêm tentando delimitar o que se apresenta como um novo segmento de mercado e campo de estudos (BALCAR; PEARCE, 1996).

As definições baseadas na demanda apresentam o turismo cultural sob o foco das motivações de viagem e das percepções e das experiências pessoais dela oriundas. Nesse sentido, não são os atributos de espaços ou objetos, mas sim as interpretações dadas à experiência turística, que definem se ela pode ou não ser classificada como cultural. Trata-se de um conceito baseado na demanda por experiências culturais, a partir do repertório, agenda pessoal e circunstâncias de cada turista.

As definições de turismo cultural segundo a oferta baseiam-se no desfrute turístico de equipamentos e atrações previamente classificados como culturais: sítios e centros históricos, festivais, gastronomia local, centros de interpretação patrimonial, mercados tradicionais e museus, entre outros espaços, objetos e eventos. Trata-se de um conceito baseado na oferta de atrações culturais, previamente classificadas como tal e aptas ao consumo do fluxo turístico.

O conceito técnico de turismo cultural da European Association for Tourism and Leisure Education (ATLAS) revela o foco no consumo turístico de elementos previamente classificados como culturais: “[Turismo cultural é] toda movimentação de pessoas em torno de atrações culturais específicas, tais como sítios patrimoniais e manifestações artísticas e culturais, fora de seu lugar próprio de residência” (RICHARDS, 1996, p. 24).

McKercher (2002), baseado em pesquisa na qual se entrevistaram 2.066 turistas internacionais em Hong Kong, concluiu que 33% dos(as) entrevistados(as) participaram de atividades de turismo cultural durante sua estada no arquipélago. A exploração turística de atrações culturais reforça a noção, presente em autores como Boissevain (1996), Richards (1996), Hovinen (1995), e Borg, Costa e Gotti (1996), de que o turismo cultural deixou de ser um nicho de mercado, voltado a uma minoria rica e educada, e se caracteriza, atualmente, como um segmento do turismo de massa.

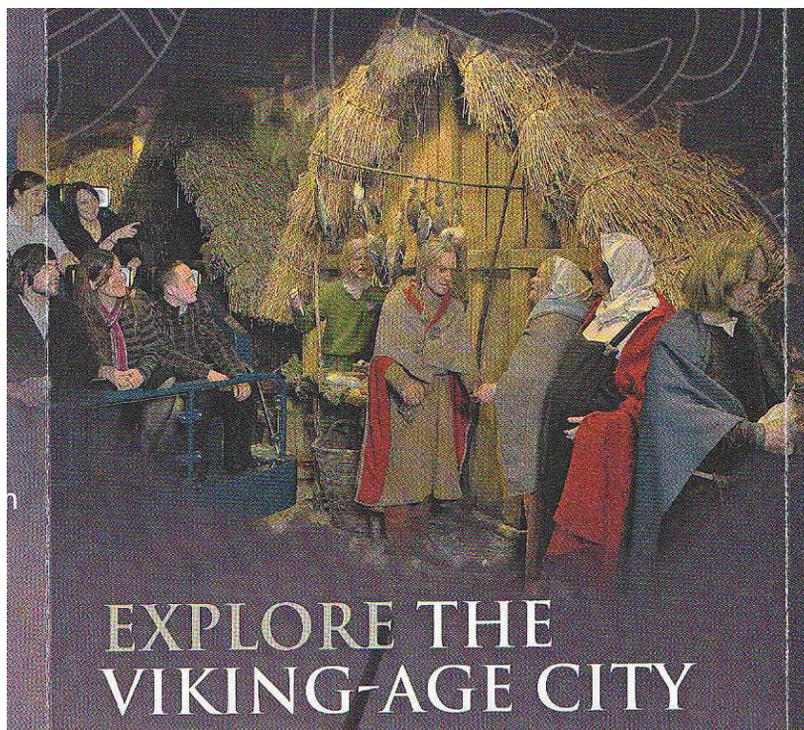
No Reino Unido, as questões do turismo e do patrimônio cultural são tratadas conjuntamente no Department for Culture, Media and Sport, que conta com um Ministro para o Turismo e Patrimônio (Minister for Tourism and Heritage). O prefácio à consolidação das políticas públicas de turismo do governo central deixa clara a importância do patrimônio cultural para a atração de turistas internacionais: "O turismo é uma das indústrias mais importantes do Reino Unido. Nossos marcos, monumentos, campo e cultura são magnetos para turistas de todo o mundo" (DEPARTMENT FOR CULTURE, MEDIA AND SPORT, 2011, p. 5).

O turismo é a terceira maior fonte de exportações britânicas, atrás apenas de produtos químicos e serviços financeiros. É o quinto ou sexto maior setor econômico, contando, atualmente, com a quarta maior previsão de crescimento para o período 2010-2020, com uma taxa anual de 3,5%. Em conjunto com sua cadeia de suprimentos, ele responde por uma contribuição líquida de £115.000,000,000.00 à economia britânica; mais de 200.000 empresas são responsáveis pela geração de 1,36 milhão de empregos, o que corresponde a 4,4% do total para o Reino Unido (DEPARTMENT FOR CULTURE, MEDIA AND SPORT, 2011).

Urry (2002) ressalta a importância do turismo cultural no Reino Unido, visivelmente observada no crescimento e na diversificação de atrações turístico-culturais, como novos museus, centros de interpretação patrimonial e parques temáticos com temas e atavios culturais. Além disso, um número crescente de cidades sem tradição turística, como Bradford, envolve-se em estratégias de promoção turística. Segundo o autor, o Reino Unido especializou-se, dentro do mercado turístico mundial, na promoção de elementos que celebram o histórico, o pitoresco e o antiquado, ou seja, elementos representativos do passado. Nesse sentido, o patrimônio cultural transformou-se em um dos principais chamarizes do país para atrair turistas internacionais.

O fascínio e a admiração pelo patrimônio cultural e pelo passado nacional, por parte dos britânicos, juntam-se à demanda dos turistas internacionais por história, patrimônio e tradição. O patrimônio cultural britânico é sinalizado, interpretado e, acima de tudo, comercializado no mercado de lazer e turismo. O Jorvik Viking Centre, em York, representa uma das tendências nessa área; misto de centro de compras, museu, centro de interpretação patrimonial e parque temático, seus quase vinte e cinco anos de sucesso comercial tornaram-no um padrão de comparação do setor. A Foto 1 reproduz parte de um panfleto dessa atração.

Foto 1. Jorvik Viking Centre



Fonte: York Archaeological Trust, (201-?).

Os Piratas do Caribe – atração do Disney World, nos EUA – são aqui: um grupo de turistas visita o acampamento *viking* simulado. A chamada do panfleto faz o turista imaginar que conseguirá ver uma “verdadeira” simulação, ao “ver dentro das casas e dos quintais” e “sentir o cheiro de carne ensopada caseira.” A atração ilustra um ponto comum a quase totalidade dos museus, centros patrimoniais e mesmo catedrais visitadas no Reino Unido: o desenvolvimento de lojas de *souvenirs*, cafeterias e restaurantes para abocanhar uma maior parcela dos gastos de turistas e visitantes.

McKercher (2002) identifica cinco nichos de mercado dentro do segmento de turismo cultural, que apresentam motivações, experiências e padrões de consumo muito diferentes entre si; contudo há um elemento comum entre eles: todos visitam os principais ícones culturais do país, como The Peak e Big Buddha. Urry (2002) argumenta que a visita a lugares e objetos tidos como únicos e não reproduzíveis, como a Torre Eiffel e o Grand Canyon, é uma das formas de se consumir experiências turísticas que contrastam com o dia a dia das pessoas. Conhecer esses objetos é um sonho de consumo de grande parte das pessoas que vivem no mundo ocidental, e a experiência de viagem transforma-se em uma espécie de peregrinação a um centro sagrado de devoção.

Isso explica, em grande parte, o investimento feito por países, regiões e cidades ao redor do mundo para criar grandes atrações culturais destinadas ao consumo turístico, com o objetivo de promover a cultura local e capturar parte do rendimento econômico do segmento de turismo cultural (RICHARDS, 1996; URRY, 2002; RUSSO; BORG, 2002). Por exemplo, a Tate Modern Art Gallery, instalada no prédio de uma estação de força desativada, em Londres, recebeu 5,25 milhões de visitantes durante seu primeiro ano de operação, atraindo para seu entorno hotéis de redes internacionais, galerias de arte e outros negócios turísticos (RITCHIE, 2008).

DESCRIÇÃO, CARACTERIZAÇÃO E TRAJETÓRIA DE WIGAN: DE *COCCUM* À (EX-) CIDADE INDUSTRIAL ESPECIALIZADA

Wigan está localizada na Região Noroeste da Inglaterra, mais precisamente no Condado Metropolitano de Manchester, que contava com uma população de 2.562.200 habitantes, em 2007.

A Região Noroeste contribuiu com 13% (£63,000,000,000.00) do valor agregado total na indústria de transformação britânica em 2008, mais de o que qualquer outra região ou país. Mesmo assim, a indústria de transformação respondia por apenas 10% do emprego regional; o setor terciário já era responsável por 82% desse total em 2008 (OFFICE FOR NATIONAL STATISTICS, 2009; YOUNG; SLY, 2010).

Em 2007, Wigan contava com uma população de 305.500 habitantes (OFFICE FOR NATIONAL STATISTICS, 2009). Apesar do encerramento de ramos industriais inteiros nas últimas décadas, como o têxtil e carvoeiro, a indústria de transformação ainda era responsável por 19,44% do emprego total em 2001³.

Dentre os seis condados metropolitanos ingleses, a Greater Manchester apresentou o maior gasto turístico (doméstico) médio anual para o triênio 2008-2010, no valor de £582,000,000.00. Contudo o turismo concentra-se na Cidade de Manchester, que responde por 78,2% desse valor (£455,000,000.00). Nesse triênio, Wigan contou com um gasto turístico (doméstico) médio anual de £18,000,000.00, equivalente a 3,1% do total para a Greater Manchester⁴. A Cidade de Manchester é a terceira em número de visitas de turistas internacionais no Reino Unido, ao passo que esse número é inexpressivo para Wigan (YOUNG; SLY, 2010).

Considera-se que Wigan é "descendente" da cidade romana de *Coccium*; escavações arqueológicas recentes já encontraram, ao lado de moedas e artefatos diversos, resquícios de uma estrada romana, prédios construídos de madeira e uma casa de banhos. Wigan é um dos quatro *boroughs* mais antigos de Lancashire, ao lado de Liverpool, Lancaster e Preston (WIGAN METROPOLITAN BOROUGH COUNCIL, 1998; WIGAN METROPOLITAN BOROUGH COUNCIL; WIGAN LEISURE & CULTURE TRUST, 200-?). A partir do Século XIV, Wigan assumiu importância regional, principalmente devido à instalação de uma série de indústrias de pequeno porte.

Nos séculos XVIII e XIX, a Greater Manchester esteve no centro da Revolução Industrial inglesa, tendo assistido à implantação de indústrias de larga escala, um rápido crescimento populacional, a criação de cidades industriais especializadas e uma revolução nos meios de transporte. Apesar de o algodão dominar a indústria de transformação regional, o carvão e os bens de capital também exerciam um papel importante (MCNEIL; NEVELL, 2000).

Wigan era um importante centro industrial da Região Noroeste. Seu papel como cidade industrial especializada foi reforçado por sua ligação ao Canal Leeds-Liverpool no final do Século XVIII, e pela chegada da ferrovia, em 1831. Como resultado direto de seu crescimento industrial, a cidade passou também por um rápido crescimento demográfico: de 10.989 habitantes, em 1801, para 60.764, em 1901 (MCNEIL; NEVELL, 2000). Ela não fugiu da trajetória experimentada por outras cidades industriais durante a Era Vitoriana (1837-1901), tendo sido testemunha de um desenvolvimento urbano capitaneado pelo mercado, com um mínimo de controle e normatização públicos, que gerou a ausência de áreas públicas de descanso e recreação, condições insalubres de habitação, com os consequentes problemas de saúde pública, falta de infraestrutura urbana, inclusive saneamento básico, iluminação e vias de circulação, e violência, criminalidade e distúrbios sociais (WIGAN METROPOLITAN BOROUGH COUNCIL, 1998; TUNG, 2001).

A partir dos anos 1960, a Greater Manchester assistiu ao declínio e ao encerramento de setores industriais inteiros, como o têxtil, o carvoeiro e o de confecções; muitas edificações e infraestruturas redundantes foram obliteradas ou convertidas para novos usos. McNeil e Nevell (2000), por exemplo, apontam que, das 2.400 unidades fabris têxteis e de confecções construídas na Greater Manchester, entre 1732 e 1924, inclusive, apenas 800 ainda existiam em 2000. Wigan não foi uma exceção à regra. No início dos anos 1980, a cidade apresentava uma taxa de desemprego de 18,8% (1983), bem acima da média nacional, e 30% de sua área urbana encontrava-se abandonada, sem utilização e degradada – a maior proporção de todo o Reino Unido. O encerramento de carvoarias e indústrias têxteis tinha deixado 350 milhas de ferrovias abandonadas, canais poluídos e sem movimentação de cargas e galpões e prédios históricos abandonados (HEWISON, 1987).

DE MALOGRO À SOLUÇÃO: DAS TENTATIVAS DE OBLITERAÇÃO À TRANSFORMAÇÃO DO WIGAN PIER NA PRINCIPAL ATRAÇÃO TURÍSTICO-CULTURAL MUNICIPAL (1973-2005)

O Wigan Pier é formado por um ramal do Canal Leeds-Liverpool, cujas margens foram ocupadas por armazéns e depósitos, datados do final do Século XVIII e do Século XIX.

Em 1973, com o fim da navegação no ramal e a conseqüente redundância de infraestrutura e prédios, as autoridades locais propuseram à British Waterways, responsável pelo Wigan Pier, a obliteração das edificações, comprometendo-se a pagar parte do custo, o que foi declinado pela firma estatal. Isso impediu que a área portuária tivesse o mesmo fim de alguns de seus arredores, arrasados para a construção de supermercados, garagens e pequenas lojas. Em 1982, a própria British Waterways solicitou a licença das autoridades locais para redenservir a área portuária, o que implicaria a destruição da maior parte dos depósitos e armazéns. Contudo, como coloca Hewison (1987, p. 19-20):

[...] em 1982, houve uma mudança de percepção. A edificação mais antiga, um armazém de pedra construído em 1777, mesmo sem teto e deteriorado, estava agora listado como *Grade II*. Wigan, apoiada pelo Greater Manchester Council, tinha decidido fazer algo com seu passado. O passado, afinal de contas, era virtualmente tudo que tinha restado. [...] O consultor [contratado] sugeriu explorar não apenas a brincadeira [da música sobre o Wigan Pier], mas a nova popularidade do passado recente, com o surgimento de parques temáticos, encenações históricas, museus industriais e painéis interativos.

O projeto de recuperação do Wigan Pier contou com £3,500,000.00, por meio de aportes da Comunidade Econômica Europeia – Social Fund e Regional Development Fund – English Tourist Board, Greater Manchester Council, Department of Environment e Countryside Commission (governo central), North West Museums and Galleries Service, Peter Walker Ltd., British Telecom e National Coal Board. Além de se basear em uma parceria público-privada, foi instituída uma administração exclusiva para o Wigan Pier; não obstante a presença de dois equipamentos culturais no local, o primeiro diretor tinha larga experiência em firmas privadas (HEWISON, 1987; URRY, 2002).

O projeto de recuperação contemplou o restauro e a adaptação dos depósitos e dos armazéns às margens do canal – cinco no total –, a navegabilidade do ramal, a recuperação dos espaços públicos e a introdução de elementos estranhos ao local, mas necessários a sua transformação em centro de lazer, turismo e entretenimento – estacionamentos, um restaurante flutuante e uma pequena ponte. Além disso, o canal foi aproveitado para passeios, por meio de pequenas embarcações. A Foto 2 mostra as principais construções do Wigan Pier, com exceção do Armazém 1, de 1777, localizado no final do ramal, à direita da foto.

Foto 2. Wigan Pier



Fonte: Autor. A foto é de fevereiro de 2011.

Hewison (1987) lista os equipamentos e os negócios instalados no Wigan Pier em sua inauguração. No Armazém 1, sua reconstrução e adaptação resultaram na oferta de escritórios comerciais. O Armazém 2 – à direita na Foto 5, em pedra mais clara – recebeu o Education Field Study Centre e The Pier Shop. Enquanto o primeiro representava a parte educacional do projeto, tendo como principal público-alvo as escolas de Wigan, The Pier Shop era um tipo de loja muito encontrada em projetos que tentam combinar cultura, patrimônio e turismo. Além de ofertar produtos e *souvenirs* da cidade – livros, cartões-postais, etc. –, vendia também produtos “naturais”, que remetiam ao passado, como perfumes, sabonetes e medicamentos inspirados na Era Vitoriana (1837-1901). O Armazém 3, vizinho ao Armazém 2, foi ocupado por The Orwell Pub, referência explícita a George Orwell, autor de *O caminho para Wigan Pier (The road to Wigan Pier)*, que tornou a cidade conhecida em todo o Reino Unido, ao retratar as péssimas condições de vida da classe operária inglesa nos anos 1930.

Contudo o “coração” do projeto era o Wigan Pier Heritage Centre, instalado nos armazéns 4 e 5, que apresentava a exposição *The way we were* (O modo como éramos). Como destacado já em sua formulação, esse equipamento não era um museu, e sim um centro patrimonial administrado por uma firma privada. Além de visar ao lucro, a ênfase não se dava na montagem de um acervo e exposição de objetos, mas na apresentação de um tema – no caso, a vida dos habitantes de Wigan, em 1900, principalmente dos mineiros. Longe do conceito dos museus tradicionais, o Wigan Pier Heritage Centre recorria a simulações e dramatizações, com bonecos – a exemplo do Jorvik Viking Centre, visto na Foto 2 –, efeitos sonoros e visuais, painéis interativos, etc. O centro patrimonial foi o primeiro, em todo o Reino Unido, a empregar sete atores e um diretor profissional, responsáveis por guiarem o público no equipamento, além de encenarem como supostamente era a vida em Wigan (HEWISON, 1987; URRY, 2002; WIGAN LEISURE & CULTURE TRUST; WIGAN COUNCIL, 200-?). Mais do que uma experiência educacional, a ideia do centro patrimonial era criar uma experiência emocional, envolvendo o público no dia a dia dos habitantes locais, mostrando seus costumes, hábitos e artefatos, mas sem discutir nada com muita profundidade, como as causas do baixo padrão de vida dos trabalhadores na indústria de carvão, as epidemias urbanas, a alta taxa de mortalidade, etc.

O Trencherfield Mill, ainda parcialmente ocupado pela indústria têxtil Courtaulds, complementava essa oferta turístico-cultural, ao sediar um centro de lazer e concertos, o departamento de moda do Wigan Technical College, uma amostra de máquinas e equipamentos têxteis e a maior máquina a vapor ainda em funcionamento no Reino Unido, cuja única serventia era mostrar ao público como ela funcionava.

A transformação do Wigan Pier não foi uma política pública isolada, ela se inscreveu na tentativa de prover uma nova base econômica à cidade, centrada mais no consumo do que na produção; no centro, a parceria público-privada para revitalizar o comércio varejista resultou na obliteração do mercado municipal, do Século XIX, com sua substituição por The Galleries, que mescla galerias e pátios internos com um *shopping centre* fechado; réplicas e pastiches com a preservação de galerias do final do Século XIX; e referências ao patrimônio cultural de Wigan, inclusive a feira medieval a céu aberto, com uma torre que busca sua inspiração na torre sineira da Praça de São Marcos, em Veneza (WIGAN METROPOLITAN BOROUGH COUNCIL, 1998; HEWISON, 1987). The Galleries representou uma inversão de £30,000,000.00, em meados dos anos 1980. Outra iniciativa das autoridades locais foi a promoção de pequenos eventos e festivais para atrair turistas e visitantes da Região Noroeste.

Após sua inauguração formal, em 21/03/1986, com a presença da Rainha Elizabeth II, o Wigan Pier foi bem-sucedido nos quesitos de atração de turistas, visitantes e residentes locais e de geração de receitas próprias, de modo a manter seu conjunto arquitetônico e paisagístico preservado e capaz de sustentar suas novas funções. Segundo relatos colhidos na cidade, em fevereiro de 2012, Wigan transformou-se em um destino turístico de importância regional, nos anos 1980 e 1990, tendo como principal atração o Wigan Pier. Contudo, ainda nos anos 1990, dois pontos começaram a colocar em risco sua viabilidade econômico-financeira no médio e longo prazo.

Primeiro, não houve a expansão do projeto de recuperação, de modo a contemplar outras partes do ramal fluvial. Além disso, após a saída da Courtaulds, o Trencherfield Mill começou a se deteriorar, permanecendo em parte ocioso, o que não combinava com a proposta do Wigan Pier. Segundo, a partir do final dos anos 1980, muitas cidades da Região Noroeste começaram a desenvolver projetos similares ao Wigan Pier, mas em escala, potencial turístico e orçamento muito superior. A Foto 3 mostra Albert Dock, em Liverpool, conjunto arquitetônico e paisagístico recuperado para se transformar em um dos principais centros turísticos do Reino Unido no final dos anos 1980.

Foto 3. Albert Dock



Fonte: Autor. A foto é de fevereiro de 2011.

O conceito implantado em Albert Dock – a maior concentração de estruturas patrimoniais protegidas (*Grade I listed*) da Inglaterra –, ainda hoje em vigor, combina o impressionante conjunto arquitetônico e paisagístico com museus, bares e restaurantes, comércio varejista – destaca-se a venda de *souvenirs* –, residências de alto padrão, posto de informações turísticas e hotéis. A recuperação e a adaptação de Albert Dock representaram um investimento de £100,000,000.00 na segunda metade dos anos 1980, inclusive na instalação de grandes museus públicos, dos quais se destaca a filial do Tate Museum (Tate Liverpool). A partir de Albert Dock, a recuperação da orla fluvial de Liverpool estendeu-se ao norte e ao sul. Ao sul, instalaram-se a Liverpool Big Wheel (roda-gigante) e o Arena & Convention Centre. Ao norte, os cais e as docas foram convertidos no Cruise Liner Terminal e no Mersey Ferries, que permitiram, respectivamente, a atração de navios de cruzeiros à área central da cidade e a saída de passeios de balsa pelo Rio Mersey. Em 2011, foi aberto o Museum of Liverpool, na orla fluvial, entre Albert Dock e Mersey Ferries.

Em 2008, foi concluída uma das maiores operações de renovação urbana da história de Liverpool; a criação de Liverpool One representou um investimento de £920,000,000.00, com a obliteração de praticamente todos os prédios entre Albert Dock e o Central Retail District e a sua substituição por uma impressionante paisagem de consumo, que lembra um *shopping centre* a céu aberto – Littlefield (2009) detalha esse projeto, da formulação inicial à implantação. Há pelo menos trinta anos a cidade vem tentando transformar-se em um destino turístico de importância regional, explorando oportunidades diversas para “vender a cidade” para turistas e visitantes, das quais o elemento mais visível é a fama da banda The Beatles – há museus, galeria, festivais, cafeterias temáticas, passeios, etc.

Em Salford, outra cidade do Condado Metropolitano de Manchester, o projeto de regeneração urbana, desenvolvido nos anos 1990 e 2000, transformou cais e docas abandonadas em uma das áreas mais valorizadas da cidade; tudo está lá: arquitetura icônica, com projetos assinados pelo *star system* mundial, grandes equipamentos culturais, *shopping centre*, centro de convenções, passeios de barco pelo canal, prédios residenciais exclusivos, grandes firmas de comunicação, mídia e tecnologia etc. As grandes atrações turístico-culturais ficam por conta do Imperial War Museum North, filial do Imperial War Museum, instalado em Londres, no início do Século XX, e The Lowry, museu e centro cultural de arte.

Os exemplos de Liverpool e Salford mostram como, nos anos 1990 e 2000, o Wigan Pier precisou “concorrer” com cidades com ofertas turístico-culturais mais elaboradas e interessantes, tanto no que concerne aos projetos em si quanto às cidades de forma geral. Perto de Albert Dock e Salford Quay, Wigan Pier parece um centro pequeno, pouco interessante e incapaz de atrair a atenção de turistas domésticos e internacionais.

Em meados dos anos 2000, com a queda no número de turistas, visitantes e residentes locais no Wigan Pier, a crescente vacância de lojas e escritórios e a subutilização do Trencherfield Mill, o Wigan Borough Metropolitan Council formulou uma nova estratégia para revitalizar as supracitadas fábrica e a área portuária, inclusive abrangendo outras áreas da cidade. Esse é o assunto do próximo item, junto com os desdobramentos desse plano.

O WIGAN PIER QUARTER: AMBIÇÃO VERSUS REALIDADE NA TENTATIVA DE RECUPERAR O WIGAN PIER

Em 2006, o Wigan Borough Metropolitan Council anunciou um plano ambicioso para recuperar não apenas o Wigan Pier e o Trencherfield Mill, mas também três áreas importantes da cidade, a saber: a) o próprio centro de Wigan, reforçando sua condição de Distrito Central de Negócios (*Central Business District*) – a construção do Grand Arcade shopping centre, com inversões de £120,000,000,00, foi o principal resultado na área central; b) o Robin Park Retail & Leisure Complex, que, apesar de contar com equipamentos importantes, a exemplo do DW Stadium, Robin Park Retail Park e Robin Park Arena, Sports and Tennis Centre, possui vários terrenos vacantes, além de sérios problemas de acessibilidade interna – ainda não resolvidos; e c) o Wigan Pier Quarter, englobando não apenas o Wigan Pier e o Trencherfield Mill, mas também outras fábricas abandonadas e subutilizadas, trechos às margens do ramal fluvial e áreas residenciais.

O projeto para o Wigan Pier Quarter previa inversões de £70,000,000.00, no período 2006-2016, a partir de parcerias público-privadas, nas quais as autoridades locais seriam as responsáveis pela

recuperação e pelo melhoramento das áreas públicas, além de dividirem com a iniciativa privada o custo de algumas obras de restauro e conservação na área. De forma resumida, a primeira fase do projeto contemplava os seguintes pontos:

a) Wigan Pier: recuperação e conservação das edificações e da infraestrutura, com atenção especial aos espaços públicos e à acessibilidade interna. Pretendia-se também instalar um novo centro de artes e patrimônio (Arts and Heritage Centre), que não saiu do papel;

b) Trencherfield Mill: restauro e adaptação do “coração” do novo Wigan Pier Quarter. Além da manutenção de um museu no local, com a maior máquina a vapor em operação no Reino Unido, as instalações da antiga fábrica seriam convertidas para sediarem lojas, galeria de arte, hotel, bares e restaurantes e apartamentos residenciais de luxo, intitulados “apartamentos patrimoniais” (*heritage apartments*);

c) espaços públicos: melhoramentos na acessibilidade interna e na ambiência do Wigan Pier e do Trencherfield Mill, com o objetivo de atrair residentes afluentes para o local (WIGAN COUNCIL, 2006; WIGAN LEISURE & CULTURE TRUST; WIGAN COUNCIL, 200-?).

Inclusive como sinal de comprometimento com o projeto, o Wigan Borough Metropolitan Council reformou os espaços públicos do Wigan Pier, Trencherfield Mill e arredores, com a implantação de esculturas e bens de capital redundantes, de forma a reforçar a ligação do Wigan Pier Quarter ao passado industrial da cidade. Infelizmente, não foi possível estimar a participação das autoridades locais no restauro e na adaptação do Trencherfield Mill, retratado na Foto 4.

Foto 4. Trencherfield Mill



Fonte: Autor. A foto é de fevereiro de 2011.

Além disso, o Wigan Borough Metropolitan Council implantou uma série de esculturas no Wigan Pier e arredores, a exemplo do que já fizeram uma série de cidades europeias e norte-americanas, reproduzindo personalidades ou tipos humanos referentes a uma época passada. Procurou-se resgatar a memória de trabalhadores que dependiam da produção têxtil e de carvão

e da movimentação de cargas no Canal Leeds-Liverpool; em suma, tratou-se de conjugar o patrimônio arquitetônico e paisagístico com a história do trabalho e do cotidiano das pessoas que ali viveram, passaram e trabalharam.

Contudo a maior parte das ações previstas no Wigan Pier Quarter não saiu do papel. Devido à crise econômico-financeira de 2008, o investidor privado declinou a parceria com as autoridades locais, para a reforma e para a adaptação de parte dos armazéns e dos depósitos do Wigan Pier. O Wigan Pier Heritage Centre, que tinha encerrado suas atividades em 2007, permanece fechado, sem que um novo centro patrimonial tenha sido inaugurado no Trencherfield Mill, ou que se desse uma nova utilização para os armazéns 4 e 5. Como colocado anteriormente, há apenas uma firma atualmente instalada no Wigan Pier: The Orwell Pub.

Apesar de restaurado, o Trencherfield Mill apresenta uma alta taxa de vacância. Lojas, galeria de arte, hotel e bares e restaurantes: nada foi implantado. Com os problemas no mercado imobiliário, muitos apartamentos patrimoniais estão vacantes, o que compromete a viabilidade de recuperação da área, por ausência de público consumidor "interno." Além disso, o museu instalado no térreo da antiga fábrica, de responsabilidade do Wigan Leisure & Culture Trust, vem abrindo apenas uma vez por semana, dada a queda na arrecadação fiscal do Wigan Borough Metropolitan Council, consequência direta da crise econômico-financeira de 2008.

Em 2011, o turista ou visitante recém-chegado a Wigan não ouve falar do Wigan Pier no posto de informações turísticas, localizado no centro da cidade. Instigado pela leitura de *O caminho para Wigan Pier*, Urry (2002) e/ou Hewison (1987), a pergunta sobre onde ele fica recebe sempre o mesmo tipo de resposta dos(as) atendentes: "- O Wigan Pier está abandonado; nada está aberto lá." A caminhada pelo local revela a presença de lixo e a depredação pública do mobiliário urbano e da sinalização turística – na Foto 3, a placa de sinalização foi retirada à força. A solidão só é quebrada pelas esculturas que retratam tipos humanos que frequentavam o local.

A falta de recursos atinge também as autoridades locais; nos últimos anos, Wigan tem enfrentado cortes consecutivos de gastos públicos, que atingem diversas áreas. Como coloca uma funcionária do Museum of Wigan Life, não há verbas disponíveis para o Wigan Pier: "Foi firmada uma parceria entre um[a] empresário[a] e o conselho local, mas ela foi desfeita, e o Wigan Pier ficou como está. O conselho local não tem dinheiro – até a verba para a manutenção das bibliotecas públicas foi reduzida, bem como o horário de funcionamento dos museus" (Entrevista em Wigan, fevereiro de 2012).

Devido ao atual abandono do Wigan Pier, o English Heritage classificou-o como uma "área de conservação em risco" (Conservation Area at Risk), em 2009, devido à falta de utilização (ENGLISH HERITAGE, 2009). O projeto pioneiro de recuperação e transformação de cais redundantes e abandonados em um centro de lazer, turismo e entretenimento voltou, de certa forma, ao que era, no início dos anos 1980: uma área à parte do restante da cidade, de futuro incerto e questionável aproveitamento econômico; a aproximadamente dezessete milhas dali, Albert Dock (a oeste) e Salford Quays (a leste) revelam-se espaços urbanos mais aptos a capturar os gastos de turistas internacionais e nacionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Wigan Pier é um dos exemplos pioneiros da valorização do patrimônio arqueológico industrial inglês. Apesar de os primeiros processos de salvaguarda datarem dos anos 1960, foi apenas nos anos 1980 que edificações, estruturas e infraestruturas industriais começaram a atrair a atenção de associações preservacionistas e do Estado, tendo sido recuperadas e adaptadas para novos usos, inclusive atrações turístico-culturais.

Nos primeiros quinze anos de operação, o Wigan Pier foi bem-sucedido, segundo seus próprios conceitos e objetivos. O conjunto arquitetônico e paisagístico – redundante, deteriorado e desprezado pela população local – foi salvo da obliteração, tendo se transformado em atração turística e centro de educação patrimonial. Ao contrário de o que ocorre em outros países, a exemplo de França e Brasil, a utilização do PHAN como atração turística e suporte para firmas do setor terciário não é vista como fonte de conflitos e ameaças à integridade, ao significado e à apropriação desse patrimônio cultural. Seguindo desenvolvimentos políticos, sociais, econômicos e culturais mais amplos, desde

pelo menos a gestão Margaret Thatcher (1979-1990), as parcerias público-privadas na recuperação e na reconversão de bens patrimoniais contam com ampla aprovação popular. Desse modo, a “comercialização” do patrimônio cultural inglês não enfrenta a mesma resistência encontrada em outros países, apesar de a questão sobre como ele é promovido, interpretado e consumido por turistas, visitantes e residentes locais é objeto de preocupação e interesse por parte das autoridades públicas, sociedade civil e academia.

A grande questão colocada ao Wigan Pier, que pode ser estendida para uma série de museus, centros patrimoniais e projetos residenciais e comerciais (cujo objeto seja bens patrimoniais), é a seguinte: o que fazer quando o mercado não consegue sustentar parte importante do rico patrimônio arquitetônico e paisagístico britânico? Com os desdobramentos da crise econômico-financeira de 2008, a expansão constante do acervo salvaguardado e o corte de recursos públicos para a área patrimonial, bens e conjuntos, como o Wigan Pier, seguem com seu futuro indefinido. De certa forma, como colocado anteriormente, a atual indefinição a seu respeito se parece com a enfrentada pelo conjunto arquitetônico e paisagístico, no início dos anos 1980, guardadas as devidas proporções.

No mercado turístico, o problema do Wigan Pier é semelhante ao que aflige Wigan, mas em escala menor. Nos últimos trinta anos, Manchester e Liverpool, as duas principais cidades da Região Noroeste, investiram pesadamente para se transformarem em importantes destinos turísticos nacionais e internacionais. Trata-se, de certa forma, de uma “concorrência desleal”: Wigan não tem a fama nem atrações turísticas para competir com esses dois destinos, tampouco potencial turístico e recursos orçamentários para mudar essa situação. De maneira similar, perto de Albert Dock e Salford Quays, o Wigan Pier parece incapaz de atrair turistas à cidade, a não ser os que têm interesse específico no patrimônio arqueológico industrial inglês, que se constituem, na melhor das hipóteses, em um pequeno nicho de mercado.

Emblemática dessa falta de atratividade de Wigan e do Wigan Pier é a reação de um grupo de turistas japonesas, em Manchester, quando questionadas acerca da intenção de visitarem a cidade. As turistas afirmaram, unanimemente, que não tinham interesse, até por nunca terem ouvido falar do local. Ao ser questionada sobre o interesse em conhecer o Wigan Pier, uma das turistas respondeu não sem antes folhear o material promocional da cidade: “É uma cidade acanhada, pequena; esse Wigan Pier não se compara a Salford Quays, [que nós visitamos] ontem. Para que perder meu tempo lá, quando posso visitar cidades muito mais conhecidas, na Inglaterra?” (Entrevista em Manchester, fevereiro de 2012).

Acertadamente, Urry (2002) afirma que cidades e regiões “improváveis” tentam vender-se como destinos turísticos, inclusive como resposta à reestruturação econômica das últimas décadas, sentida por todo o Reino Unido. Contudo o fluxo de turistas e visitantes ainda se concentra em um número reduzido de cidades e regiões; o caso da Greater Manchester já foi mostrado nesse artigo. Por exemplo, Richards (1996) já coloca que a abertura desenfreada de atrações culturais na Europa, ao longo dos anos 1980 e 1990, tinha reduzido o número médio de visitas por atração, colocando sérios problemas à manutenção de pequenos museus, monumentos e centros de interpretação patrimonial. Foi esse o caso do Wigan Pier, já que a queda no número de visitas pagas tornou o Wigan Pier Heritage Centre deficitário.

Além disso, as atrações culturais têm investido em novas formas de expor e interpretar seus temas e acervos, com o uso de tecnologia de ponta, experiências virtuais e ênfase na interatividade e no entretenimento. O Wigan Pier Heritage Centre manteve a exposição *The way we were* praticamente inalterada por quase vinte anos, o que desincentivou visitas repetidas. Isso coloca outra questão interessante: a viabilidade turística e comercial do antigo (patrimônio cultural inglês) depende do novo (novas formas de expor e interpretar esse patrimônio, via de regra suportadas por tecnologia de ponta). Isso coloca grandes desafios a pequenos museus, centros de interpretação patrimonial e atrações turístico-culturais, que não possuem os recursos necessários para a compra e instalação dessas novas tecnologias.

Por fim, cabe destacar que a questão de o que é passado aos(às) turistas nessas atrações é bastante discutido na literatura analítica de turismo. Até que ponto a utilização de atores(as) profissionais, simulações, painéis interativos, bonecos e réplicas realmente permite ao(à) turista, visitante ou residente local ter acesso a uma interpretação correta e profunda da história e do patrimônio cultural de Wigan?

Não se nega que o que é mostrado e passado ao público não é neutro, privilegiando sempre determinado conjunto de valores e pontos de vista. Contudo se argumenta que, na ausência de centros de interpretação patrimonial, como o Wigan Pier, a maior parte de seus visitantes obteria noções de história, memória e patrimônio não de livros técnico-científicos, cursos e palestras, mas de fontes como romances históricos, que trazem seu próprio senso de parcialidade e superficialidade, sendo acessíveis ao grande público. O Wigan Pier conseguiu recuperar um importante conjunto arquitetônico e paisagístico da cidade, além de ter proporcionado, para centenas de milhares de pessoas, um contato mais profundo e enriquecedor com o patrimônio cultural e a história da cidade, para além dos arquétipos de antiga cidade industrial decadente. Além disso, é difícil imaginar uma maneira "neutra," completa e profunda de interpretar a história e o patrimônio de Wigan, mesmo porque muitos dos turistas e dos visitantes estão em busca de entretenimento e querem passar pouco tempo em atrações específicas.

Os desafios enfrentados pelo Wigan Pier e por Wigan, de forma geral, podem ser destacados em três pontos, a saber: a) manter o patrimônio cultural local preservado e utilizado, dentro do qual o Wigan Pier é o principal remanescente da Revolução Industrial Inglesa; b) interpretar esse patrimônio para a população local, turistas e visitantes, impedindo que o Wigan Pier seja "frequentado" apenas por estátuas, tornando-se novamente redundante; e c) investir e promover turisticamente o Wigan Pier e Wigan, pelo menos como destino turístico regional, de modo a fortalecer a base econômica local, mas sem ter ilusões de transformar a cidade em importante destino turístico nacional ou internacional.

Avalia-se como improvável a retomada do Wigan Pier como atração turística importante da Região Noroeste da Inglaterra, principalmente devido à criação e ao fortalecimento de "concorrentes" mais bem preparados para atrair turistas nacionais e internacionais. Contudo se avalia também que o Wigan Pier, com sua combinação de edificações salvaguardadas, ramais fluviais e boa localização em Wigan, possa cumprir importante função residencial e de lazer na cidade, atraindo alguns turistas e visitantes da região, além de servir de centro para a recuperação dessa área da cidade, projeto interrompido pelos efeitos adversos da crise econômico-financeira de 2008.

REFERÊNCIAS

- BALCAR, Mark J. O.; PEARCE, Douglas G. Heritage tourism on the West Coast of New Zealand. **Tourism management**, v. 17, n. 3, p. 203-212, 1996.
- BOISSEVAIN, Jeremy. Introduction. In: _____. (Ed.). **Coping with tourists: European reactions to mass tourism**. Providence: Berghahn Books, 1996. p. 1-26.
- BORG, Jan van der; COSTA, Paolo; GOTTI, Giuseppe. Tourism in European heritage cities. **Annals of tourism research**, v. 23, n. 2, p. 306-321, 1996.
- BOTELHO, Isaura. Dimensões da cultura e políticas públicas. **São Paulo em perspectiva**, v. 15, n. 2, p. 73-83, 2001.
- CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. 3. ed. São Paulo: Estação Liberdade; UNESP, 2006.
- DEPARTMENT FOR CULTURE, MEDIA AND SPORT. **Government tourism policy**. London: Department for Culture, Media and Sport, 2011.
- ENGLISH HERITAGE. **Heritage at risk: register 2009**. North West. London: English Heritage, 2009.
- ENGLISH HERITAGE. **English Heritage corporate plan 2011/2015**. London: English Heritage, 2011.
- FONSECA, Maria Cecília Londres. **O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil**. 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: UFRJ; MinC – Iphan, 2005.
- HARVEY, David. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. 14. ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- HEWISON, Robert. **The heritage industry: Britain in a climate of decline**. London: Methuen, 1987.
- HOVINEN, Gary R. Heritage issues in urban tourism: an assessment of new trends in Lancaster County. **Tourism management**, v. 16, n. 5, p. 381-388, 1995.

LITTLEFIELD, David. **Liverpool One**: remaking a city centre. Chichester: Wiley, 2009.

MCKERCHER, Bob. Towards a classification of cultural tourists. **The international journal of tourism research**, v. 4, n. 1, p. 29-38, 2002.

MCNEIL, Robina; NEVELL, Michael. **A guide to the industrial archaeology of Greater Manchester**. Manchester: AIA, 2000.

OFFICE FOR NATIONAL STATISTICS. **Key population and vital statistics**. Newport: Office for National Statistics, 2009.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

RICHARDS, Greg. **Cultural tourism in Europe**. Wallingford: CAB International, 1996.

RITCHIE, Brent W. Contribution of urban precincts to the urban economy. In: HAYLLAR, Bruce; GRIF-FIN, Tony; EDWARDS, Deborah (Eds.). **City spaces – tourist places**: urban tourism precincts. Oxford: Butterworth-Heinemann, 2008. p. 151-182.

RUSSO, Antonio Paolo; BORG, Jan van der. Planning considerations for cultural tourism: a case study of four European cities. **Tourism management**, v. 23, n. 6, p. 631-637, 2002.

THE CHURCHES CONSERVATION TRUST. **Church of Holy Trinity**: Goodramgate, York. London: CCT, 2010.

TUNG, Anthony M. **Preserving the world's great cities**: the destruction and renewal of the historic metropolis. New York: Three Rivers Press, 2001.

URRY, John. **The tourist gaze**. London: Sage Publications, 2002.

WIGAN COUNCIL. **The Wigan Pier Quarter**: planning and regeneration strategy. Wigan: Wigan Council, 2006.

WIGAN LEISURE & CULTURE TRUST; WIGAN COUNCIL. **Visit Wigan**: the guide to visiting and staying in Wigan. Wigan: Wigan Leisure & Culture Trust; Wigan Council, 200-?.

WIGAN METROPOLITAN BOROUGH COUNCIL. **Wigan town centre trail, comprising two guided walks in Wigan town centre**. 2nd edition. Wigan: Wigan Metropolitan Borough Council, 1998.

WIGAN METROPOLITAN BOROUGH COUNCIL; WIGAN LEISURE & CULTURE TRUST. **Romans in Wigan**. Wigan: Wigan Council; Wigan Leisure & Culture Trust, 200-?.

YORK ARCHAEOLOGICAL TRUST. **Jorvik Viking Centre**: take hold of the past. York: York Archaeological Trust, 201-?.

YOUNG, Rachel; SLY, Frances. **Portrait of the North West**. Newport: Office for National Statistics, 2010.

NOTAS

- 1 Considera-se **redundante** uma infraestrutura ou estrutura arquitetônica que não consegue mais exercer ou suportar as funções e as atividades para as quais foi projetada. Por exemplo, cais e docas projetados para receber barcos à vela de carga encontram-se atualmente redundantes, pois não conseguem suportar a movimentação de grandes navios. Ou, então, prédios fabris cuja estrutura não suporta a instalação e o funcionamento de modernas máquinas e equipamentos. No Reino Unido, o termo também é usado para descrever áreas abandonadas e deterioradas.
- 2 AMERY, Colin; CRUICKSHANK, Dan. **The rape of Britain**. []: Paul Elek, 1975.
- 3 Informações disponíveis em <<http://www.neighbourhood.statistics.gov.uk/dissemination/LeadTableView.do?a=3&b=276785&c=wigan&d=13&e=16&g=356887&i=1001x1003x1004&o=322&m=0&r=1&s=1335812151855&enc=1&dsFamilyId=119>>. Acesso em: 30/04/2012.
- 4 Informações disponíveis em <<http://www.visitengland.org/>>. Acesso em: 05/02/2012.